

Aguiar

AGUIAR, orago Santa Lucrécia, era uma abadia da apresentação da casa de Aborim.

O nome desta freguesia vem do latim *Aquila-ris* (de aquila), relativo a águia. Aguiar é também apelido de família nobre, cujo tronco, segundo uns, foi Mendo Pires, senhor do Castelo de Aguiar, no tempo de D. Afonso Henriques, e, segundo outros, foi Pedro Mendes de Aguiar, contemporâneo daquele mesmo rei.

A freguesia de Santa Lucrécia de Aguiar vem nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, com a designação = «De Sancta Lugricia», em Terra de Aguiar de Ripa de Limia.

Nelas se diz que o rei não é padroeiro, não tem aqui reguengo algum, não lhe pagam qualquer foro; que os desta freguesia vão ao castelo e que esta Igreja tem sesmarias e 8 casais, Palme, 2 casais, Carvoeiro, 2 casais e São Lourenço, meio casal.

Das Inquirições de D. Afonso III, de 1258, consta o seguinte:

In Judicato de Aguiar: Item, *in parrochia Sancte Lugrice* disserem: «que el Rey non est padrom; et dixerunt que est Couto per padrões. Item, dixerunt que os omees deste davandito Couto vam in anuduva; et se fazem voz ou caomia fora do Couto, pectam ai Rey a meya et ao Senor do Couto a meya.

Item, in este Couto moram omees que se escusam per amadigos, que maçar fazem voz ou caomia fora do Couto, que a non pectam nem vam in anuduva».

As Honras *por amadigo* eram muito frequentes entre nós e aparecem nos documentos antigos referências a elas como existentes em muitas freguesias deste concelho.

Amadigo era o lugar, povo, quinta, casal ou herdade que lograva os privilégios de Honra por nele se haver criado ao peito de alguma mulher casada o filho legítimo de um *Rico Homem* ou *Fidalgo honrado* (¹).

Tornou-se o amadigo pelo andar dos tempos um grande abuso que se opunha aos interesses da real fazenda.

Um lavrador queria libertar o seu casal, pedia pois ao senhor de uma Honra próxima que desse um filho a criar a sua mulher; criava-o ela em sua casa e por ser ama de leite desse novo fidalgo ficava *honrada*, livre e isenta de tributos, não só a casa do lavrador, mas muitas vezes todo o lugar e vizinhança onde ele morava.

Estes privilégios foram abolidos por el-rei D. Dinis, em 1290.

A Terra de Aguiar do Neiva foi dada pelo Conde D. Henrique a D. Queda «O velho», seu companheiro de armas (²).

D. Fernando pelos anos de 1367 fez mercê da Terra de Aguiar a Nuno Viegas «O velho» e D. João I doou-a em 2 de Fevereiro de 1389, em troca da Aldeia Nova da Beira, a Nuno Viegas «O Moço», que esteve em Aljubarrota, chamando-lhe *seu vassalo*.

(1) *Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo — Elucidário — vol. I, pág. 73, o. Amadigo.*

(2) *Dr. António Vilas boas Sampaio — Nobiliarchia Portuguesa, pág. 92.*

Aguiar foi vila, à qual D. Afonso III deu foral em 12 de Julho de 1258 e D. Manuel foral novo em 4 de Novembro de 1512, e cabeça do Julgado do mesmo nome, pertencendo mais tarde à grande comarca de Barcelos.

Entrou este Julgado com outras muitas terras e jurisdições na doação que D. João I, em 8 de Novembro de 1401, fez a seu filho D. Afonso, 1.º Duque de Bragança e 8.º Conde de Barcelos, para casar com D. Brites Pereira de Alvim, filha do grande Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

Compunha-se o Julgado de Aguiar em 1527 de dezasseis freguesias, das quais ficaram a pertencer ao actual concelho de Barcelos, desde a Divisão Judicial de Portugal em 21 de Março de 1835, apenas as seguintes: Aborim, Aguiar, Balugães, Cossourado, Durrães, Panque, Mondim e Quintiães.

A antiga vila do Bolonhez e do Venturoso perdeu os seus foros e hoje é uma pobre freguesia sertaneja do ainda grande concelho de Barcelos.

Dentro dos limites desta freguesia, no alto do monte do Crasto ('), contraforte da serra de Arefe, existiu um castelo medieval, conhecido por Castelo de Aguiar.

Na linha guerreira do Castelo do Neiva, que se erguia na foz do rio do mesmo nome, serviam estas fortalezas de ponto de apoio na reconquista cristã e de baluartes de defesa da desmantelada vila de Barcelos.

(1) O próprio nome do monte parece indicar a existência de um castro romano ou até — quem sabe ? — pré-romano. Escavações que por ventura aí se façam devem confirmar a verdade desta opinião, como vem acontecendo no sítio onde esteve o Castelo de Farta.

O prestimoso Grupo Alcaides de Faria tem, no sítio onde esteve o Castelo de Aguiar, largo campo para as suas investigações arqueológicas.

Nem a história, nem a lenda porém relatam qualquer facto memorando que se desse junto aos muros do Castelo de Aguiar. Se o houve, caiu no olvido pelo descuido dos nossos maiores em narrar os feitos heróicos por eles praticados.

O castelo esteve no sítio hoje conhecido por Chã dos Castelos, lugar do Fojo, e ainda ali se encontram vestígios de muros e fossos.

É a única coisa que resta daquela fortaleza que a acção desgastadora do tempo e o vandalismo dos homens reduziu ao que se vê.

Encontrei alguém que me afirmou que há meio século viu umas construções em forma redonda, como moinhos de vento, que foram arrasadas.

Dos quatro baluartes de defesa da vila de Barcelos — Faria, Penafiel, Neiva e este de Aguiar—apenas vagos vestígios existem.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada perto da Linha Férrea do Minho e Douro, ao lado direito da entrada do túnel de Aguiar.

Esteve antigamente em uns campos, perto do lugar de Vila Nova, onde era talvez a antiga vila de Aguiar, mas foi mudada para aqui nos fins do século XVII.

Ergue-se este edifício no centro de um adro cercado por parede com duas portas de serventia.

Os cunhais dessas portas são rematados por grossas bolas em pedra.

Na sua frontaria alta, de estilo simples e sem arrebiques, abre-se uma larga janela por cima da qual está um pequeno nicho com a imagem da padroeira Santa Lucrécia. Ao lado esquerdo levanta-se uma sólida e bem construída torre e ao lado direito, junto à capela-mor, a sacristia.

Esta Igreja primitivamente era baixa, mas foi alteada há uns quarenta anos.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo no centro um quadro alusivo ao Sacramento. O seu altar é em talha simples pintada a branco e doirada.

Na parede do lado do evangelho abre-se um arco tumular onde se abrigava o carneiro dos senhores de Aborim, padroeiros desta freguesia.

O túmulo foi dali retirado há uns trinta anos e as cinzas nele contidas passadas para uma das quatro sepulturas com tampas de pedra, existentes no pavimento da Igreja, hoje cobertas pelo mosaico que o revestem.

Naquele arco tumular formou-se então a gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Os tectos do corpo da Igreja são também de madeira pintada, tendo no centro a imagem da padroeira Santa Lucrécia.

Os dois altares laterais, junto ao arco cruzeiro, são em bela talha doirada, pintada e restaurada em 1896, conforme se lê em uma inscrição existente no lado do evangelho.

Do lado direito está outro altar em talha moderna e muito simples e do lado esquerdo um grande oratório metido na parede com uma belíssima imagem de Cristo crucificado, na agonia.

O coro, púlpito e baptistério não são dignos de nota.

A *Residência Paroquial*, junto ao adro, foi há anos devorada em parte por um incêndio, estando a restante quase em ruínas.

Em um pequeno Largo de trás da Igreja ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*. No alto de uma coluna quadrada levanta-se uma cruz singela, tendo na base gravada a data 1621.

Mais ao nascente, na encosta do monte perfurado pelo túnel, está a *Capela de Santo António*. É uma linda capelinha de aldeia, pequenina, baixa, muito caiada.

Na sua frente estende-se um amplo alpendre de quatro colunas parapeiteado de pedra com bancos e pavimento também de pedra.

Do lado esquerdo, junto à porta principal em ogiva, está um belo púlpito redondo em pedra (escabelo) assente em uma pequena coluna. Ao centro desse púlpito tem gravado um escudo com um leão rompante encimado por uma águia estendida como timbre.

Por fora essa capelinha, tirando-lhe a sineira em ferro, é um encanto; dentro, porém, quem espreitar pelos dois buracos, em forma de óculos, abertos na porta sente uma decepção: o seu altar em talha antiga, mal cuidada, causa desolação.

É cercada esta capela por um amplo adro com paredes capeadas.

Na ombreira direita da porta da entrada desse adro tem a seguinte inscrição:

ESTA. OBRA. FOI. MANDADA. FAZER. PELO DEVOTO.
JOÃO. JOZE. DE. SOVZA. REZIDENTE. NO BRAZIL.
1879.

Por trás da capela e adro está o *Cemitério Paroquial*, com a data 1889 no seu portão, onde se vêem dois bons jazigos.

No monte, por cima do túnel, à face de um caminho erguem-se nove cruzeiros; na base de uma lê-se ANNO DE 1684 e na de outra 1683.

A *Capela de S. Sebastião*, no lugar de Pousada, é baixa, pequena e muita antiga.

Ao lado da linha férrea vê-se o cruzeiro de coluna oitavada e base redonda.

Há ainda as *Alminhas de S. Bento*.

Esta freguesia, situada na encosta nascente do Monte de Arefe, é banhada pelo rio Neiva e atravessada pela Linha Férrea do Minho e Douro de sul a norte. Está nesta freguesia o túnel de Santa Lucrécia que tem a extensão de 230 metros.

Confronta pelo norte com a freguesia de Carvoeiro, do concelho de Viana do Castelo, pelo nascente com a de Balugães, pelo sul com a de Quintiães e pelo poente com a Durrães e a de Fragoso.

A freguesia de Santa Lucrécia de Aguiar não vem no Censo da População de 1527; vêm as outras freguesias do Julgado e este com a população de 891 moradores.

No século XVII tinha esta freguesia 70 vizinhos; no século XVIII tinha 73 fogos; no século XIX tinha 475 habitantes e actualmente tem 402 habitantes, sendo 167 varões e 235 fêmeas, sabendo ler 53 homens e 19 mulheres, havendo 330 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Tulha, Vila Nova, Ponta das Tábuas, Pousada, Agrela, Quinta Nova, Igreja, Reboleira, Lousa, Pomaraço e Castelhão.

As suas casas mais importantes são: a da Lousa, a do Bernardo, a do Costa, a do Zeferino e a do Carvalho.

Tem uma loja de comércio e Caixa do Correio.

A sua indústria reduz-se a algumas azenhas no rio Neiva.

Foi criada uma Escola Oficial, mas ainda não apareceu professor para reger a cadeira.

Dos homens mais ilustres, que nasceram nesta freguesia ou cujos nomes andam a ela ligados, deixaremos no eterno descanso e esquecimento muitos, trazendo à luz da história apenas os seguintes:

Aires da Costa, Arcipreste de Barcelos, Cónego da Sé de Braga e Abade de Santa Lucrécia de Aguiar, em

que foi provido no ano de 1525. Em 1530 se lhe anexou a abadia de S. Pedro Fins do Tamel.

Faleceu em 1551. Escreveu Ceremonial da missa, Camones penitenciaes, impressos em Lisboa em 1548.

P.^e Manuel Vicente de Carvalho, natural desta freguesia e seu pároco durante muito tempo, onde faleceu há uns trinta anos.

P.^e Manuel Morgues Maciel, nascido na freguesia de Durrães em 13 de Março de 1829, foi pároco de Aguiar e Arcipreste de Barcelos, tendo falecido em 8 de Julho de 1913.

Que mais diremos acerca desta freguesia?

Pouco.

As suas fontes públicas, que já nos ia esquecendo mencionar, são as seguintes: a do Paço, a da Assobida, a da Ribeira, a da Ponte, a de Pousada, a do Areal, a do Gaio, a da Quinta Nova e a do Passal.

Quanto a viação pública, Aguiar não tem progredido desde os tempos dos governadores do seu castelo e das justiças do seu Julgado.

Passava por aqui a antiga estrada do Porto a Galiza; ladeando Santa Lucrécia de Aguiar atravessava o Neiva e seguia pelo Cruzeiro de Algares, Carvoeiro, etc.

O macadame ainda aqui não entrou; para alcançarmos o centro da freguesia temos de nos servir de meios de transporte usados nos saudosos tempos idos.

É certo que estamos constantemente a ver rodar na Linha Férrea do Minho e Douro comboios expressos, correios, ónibus, mercadorias e mistos, ascendentes e descendentes, mas se quisermos aproveitar as suas vantagens e comodidades, teremos de calcorrear três quilómetros, quer até à Estação do Tamel quer até ao Apeadeiro de Durrães.

A culpa disto porém, diga-se sem rebuço, não é das entidades encarregadas da distribuição de estradas e da criação de apeadeiros, as quais talvez até não tenham conhecimento da existência desta freguesia; a culpa é da sua má situação geográfica.

Bastava estar ela três quilómetros mais ao sul ou três quilómetros mais ao norte e já teria há muito estação ou apeadeiro, com as suas correlativas estradas.

Há algumas povoações com bem pouca sorte!